

JOÃO VALE FERREIRA

*Questões
de
Português*



1.134.3(076)

R

1 9 9 4

Handwritten mark or signature.

JOÃO VALE FERREIRA

Questões

de

Português

*Para a Biblioteca
Municipal de Barcelos,
com a estima
do*

João V.F.
9.5.10.31

BARCELOS

DEZEMBRO DE 1994



*Barcelos
Perm.*

EDIÇÃO DO AUTOR

Execução gráfica:

EDITORA CORREIO DO MINHO/SM
Parque Municipal de Exposições e Desportos
4700 BRAGA

Depósito Legal N.º 81922/94

Dezembro de 1994

48885

NOTA INTRODUTÓRIA

*O incentivo manifestado por Amigos e a possível contribuição em favor da Língua e dos Portugueses impelem-nos a publicar as **questões** que seguem e respectivas respostas.*

*As resoluções das dúvidas pontuais de vários **interessados** vieram a lume em «O Barcelense» (1991) e no «Jornal de Barcelos» (1993-94), durante 20 semanas.*

94.12.20

V.F.

Capa de FERNANDO PINTO

Índice

1. <i>Infraestrutura</i> ou <i>infra-estrutura</i> ? Maiúsculas. Relativo <i>quem</i> . <i>Hipermercados</i> . Endorreia	7 e 8
2. <i>Bagdade</i> e não <i>Bagdad</i> . A conjugação temporal <i>que</i> . Partícula apassivante. <i>Santarém</i> e não <i>Santarem</i> . <i>Acrografia</i> e <i>caníforo</i>	9 e 10
3. O sujeito da oração não se separa do predicado por vírgula. O prefixo <i>sub</i> . Nome predicativo do complemento directo. <i>Enópota</i> e <i>ooteca</i> . <i>Goivo</i>	11 e 12
4. <i>Onomatologia</i> e <i>potamónimo</i> . Habitantes de <i>Cercal do Alentejo</i> , <i>Antioquia</i> , <i>Cádis</i> , <i>S. Brás</i> <i>de Alportel</i> e <i>Bragança</i> . <i>Noémia</i> , <i>Eugénia</i> e <i>Eulália</i>	13 e 14
5. <i>África</i> . <i>Alzira</i> , <i>Filipe</i> , <i>Margarida</i> e <i>Fernanda</i> . <i>Frigir</i>	15 e 16
6. Divisão silábica. <i>Brevet</i> e <i>diploma</i> . Enumeração de papas e reis. Duas locuções latinas	17 e 18
7. Substantivos colectivos. Advérbios em <i>mente</i> . Poderá o leitor mudar de nome?	19 e 20
8. <i>Ciropedia</i> . Substantivos usados apenas no plural. Locuções pronomi- nais indefinidas	21 e 22
9. <i>Semianalfabeto</i> e não <i>semi-analfabeto</i> . <i>Hílar</i> e não <i>ilar</i> . Nomes de letras. D. Maria	23, 24 e 25
10. <i>Lurdes</i> e não <i>Lourdes</i> . <i>Élio</i> e não <i>Hélio</i> . <i>Vítor</i> e não <i>Victor</i> ou <i>Vitor</i> . <i>Teresa</i> , <i>Domingos</i> e <i>António</i> . <i>Dar</i> , <i>crer</i> , <i>apraz</i> er e <i>remir</i>	26, 27 e 28

11.	<i>Aletologia e aleuromancia.</i> <i>Parabéns.</i> Infinito pessoal. Verbo <i>requerer</i>	29 e 30
12.	<i>Mastigóforo e genocídio.</i> Habitantes de <i>Jerusalém, Guarda, Honduras e Grécia.</i> Concordância. <i>Creu. Escolas-modelo</i>	31 e 32
13.	O pronome <i>nós</i> , em vez de <i>eu</i> . <i>Irene e Ângelo.</i> <i>Porque</i> : conjunção final. <i>Que</i> : substantivo comum	33 e 34
14.	Palavras homónimas e homófonas. Substantivos colectivos; locuções adverbiais. <i>Mais bem e melhor</i>	35 e 36
15.	Palavras divergentes e convergentes. Étimo. <i>Contanto e com tanto</i>	37 e 38
16.	Solecismo. Plural dos substantivos terminados em x (xis). Uma função sintáctica	39 e 40
17.	<i>Calicarpia e exício.</i> <i>Contudo e com tudo.</i> Locuções conjuncionais	41 e 42
18.	Existe ou não a palavra <i>precavenham?</i>	43 e 44
19.	<i>Saem e não saiem.</i> Página 32 (<i>trinta e dois</i>) e não página <i>trinta e duas</i>	45 e 46
20.	Verbo <i>fazer</i> . Verbos que se referem a fenómenos da natureza. <i>Gualdir.</i> Questões de concordância	47 e 48

1

- Um grupo de Amigos, em missiva recebida na semana transacta, questiona-nos:
 1. «Dever-se-á escrever:
 - 1.1. *infraestrutura* ou *infra-estrutura*?
 - 1.2. *antigripe* ou *anti-gripe*?
 2. Diga-nos se a frase, a seguir apresentada, está bem escrita.

O professor de pintura escreveu: «não foram os ingleses quem destruíram os hiper-mercados».
 3. Que significa *endorreia*? Não encontramos nos nossos dicionários».

AS RESPOSTAS

1.
 - 1.1. Não existe o vocábulo *infraestrutura*. A escrita correcta é *infra-estrutura*: *infra* (abaixo, em baixo) e *estrutura* (disposição e construção de um edifício).

O elemento *infra* é sempre seguido de hífen, quando o segundo começa por vogal.
 - 1.2. O prefixo *anti* significa *oposição*.

Só é seguido de *hífen*, quando o elemento seguinte principia por *h*, *i*, *r*, ou *s*.
Por isso, o termo deverá ser escrito, assim: *antigripe*.

2. A frase tem seis erros. Vamos enumerá-los.

- a) *Professor* deverá ser escrito com maiúscula.
As pessoas ou entidades que «*veneramos e respeitamos*» grafam-se com letra inicial maiúscula.
- b) *Pintura*: o *PÊ* terá de ser maiúsculo, porque as disciplinas escolares escrevem-se com maiúscula.
- c) Depois dos dois pontos, o primeiro vocábulo da citação deverá ser *Não* (nunca *ene* minúsculo).
- d) *Ingleses* e não *ingleses*: os nomes de povos exigem inicial maiúscula.
- e) O pronome relativo *quem*, servindo de sujeito, leva o verbo à terceira pessoa do singular.
- f) Em *hiper-mercados* há erro ortográfico.
Designando *excesso*, o prefixo *hiper* apenas é seguido de hífen, quando o elemento seguinte começa por *h* ou *r*.
Logo, a escrita correcta do vocábulo é *hipermercados*.

A frase sem erros será, assim:

O Professor de Pintura escreveu: «Não foram os Ingleses quem destruiu os hipermercados».

Também poderia ter a seguinte redacção:

O Professor de Pintura escreveu: «Não foram os Ingleses que destruíram os hipermercados».

3. A *endorreia* é o abuso (excessivo) do gerúndio dos verbos.

A Língua Portuguesa recebe, não raro, destas ofensas:

— O Governo vem *estudando* os problemas...

— Os alunos vêm *ocupando* os tempos livres.

— Comprei uma casa, *tendo* seis divisões.

A *endorreia* «fere» a vernaculidade da linguagem.

2

1. O leitor C.J.G., de Ponte de Lima, pergunta:
«Como devemos escrever o nome da capital do Iraque?
Leio jornais diários e semanários. A escrita não é igual.
Agradeço que me diga a grafia correcta».
2. «Decorrem, hoje, 25 anos, que me baptizei numa capela de Santarem».
Qual a categoria morfológica de *que* e *me*?»...

António L. S.
3. «Que querem dizer as palavras *acrografia* e *caníforo*?»

«Leitor atento»

AS RESPOSTAS

1. Ninguém deveria escrever *Bagdad*. A forma vernácula é, sem dúvida, *Bagdade*.
Topónimo é um nome geográfico.
A Base Analítica LI do *Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro*, de 1945, aconselha que «os topónimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando estas sejam antigas em Português, ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente».
Depois desta recomendação, que já tem 49 anos, vamos, senhoras e senhores, escrever, correctamente, o nome da capital do Iraque: *Bagdade*. Não olvidem também a escrita de *Chade*, *Dusseldórfia*, *Gibraltar*, *Oceânia*, *Zaire*...

2. *Que* é uma conjunção subordinativa temporal.

Me é uma partícula apassivante.

Um reparo: ao vocábulo *Santarém* falta o acento agudo na vogal *e*.

É que todas as palavras agudas terminadas em *ém* ou *éns*, com mais de uma sílaba, são graficamente acentuadas.

Daí, *Santarém*, *alguém*, *armazém*, *parabéns*...

Por outro lado, não levam acento os monossílabos: *tem*, *bem*, *sem*, *bens*, *vens*...

A última oração poderá ter a seguinte redacção: «...desde que fui baptizado (pelo padre) numa capela de Santarém».

3.

3.1. *Acrografia*: «grafia em abreviatura de uma locução por meio das letras iniciais dos vocábulos componentes, que formam em conjunto um nome próprio».

(J. Mattoso Câmara Jr., *Dicionário de Linguística e Gramática*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1978).

3.2. *Caníforo* é o que tem medo dos cães.

Caníforo provém de duas línguas diferentes: do Latim *canem*, cão, e do Grego *phobos*, medo, receio, terror. É, pois, um *hibridismo*.

Camilo Castelo Branco utilizou este termo no seguinte passo dos seus *Dispersos*, III, pág. 97: «Antes que estes *caníforos* vestissem as gualdrapas edis».

3

1. A Lúcia quer saber a função sintáctica da última palavra da oração independente:

«*O Presidente, nomeou-o sub-director*».

2. Pergunta o leitor J. A.:

«Qual é o presente do indicativo dos verbos *reaver* e *banir*? Existe a forma verbal *entreviu*? Ouvi, há tempos, na TV, o locutor dizer *Paris entreviu*».

3. «Que querem dizer as palavras *enópota* e *ooteca*»?

Manuel de Barcelos

4. «Li na *Revista Lusitana*, VIII, pág. 258: «E haviam grande aligria e gran goivo».

(*História do Cavalleiro Jungullo*, séc. XIV-XV).

Aqui, *goivo* não significa *flor*. Então qual o significado?»

Estudante do 12.º ano

AS RESPOSTAS

1. Antes da resposta, vamos alertar a Lúcia para o seguinte:

a) O sujeito não se separa do predicado por vírgula;

b) O último vocábulo escreve-se *subdirector*.

O prefixo *sub* só é seguido de hífen, quando o segundo elemento começa por *b*, *h* ou *r*.

Eis a frase correcta: «*O Presidente nomeou-o subdirector*».

O vocábulo *subdirector* exerce a função sintáctica de *nome predicativo do complemento directo*.

2. *Reaver* e *banir* são verbos defectivos pessoais.

Usam-se em algumas pessoas gramaticais.

Reaver só é conjugado nas formas em que aparece o *v* no verbo *haver*.

Presente do indicativo: *reavemos, reaveis*.

Banir conjuga-se nas formas em que se mantém o *i* do tema: *banimos, banis*, no presente do indicativo.

Não existe a forma *interviu*. Existe, sim, *interveio*.

Para evitar futuras dúvidas, aqui fica todo o pretérito perfeito do indicativo: *intervim, interviste, interveio, interviemos, interviestes, intervieram*.

3. *Enópota* é o que bebe muito vinho.

É composto dos elementos gregos *oinos*, vinho, e *potos*, bebida.

Ooteca provém dos vocábulos gregos *oon*, ovo, e *theke*, estojo (lugar).

Ooteca significa o lugar onde certas aves põem ovos em comum.

4. Nesta frase, *goivo* significa *gáudio, júbilo, regozijo*.

4

1. «Ouvi, há dias, a um conferente as palavras *onomatologia* e *potamónimo*. Por favor, que significam? Que origem têm?»

Um curioso

2. A leitora M.A.F.B. deseja saber como se chamam os habitantes de: *a)* Cercal do Alentejo; *b)* Antioquia; *c)* Cádis; *d)* S. Brás de Alportel; *e)* Bragança.

3. «Somos três estudantes que muito gostaríamos de saber a origem e o significado dos nossos nomes

Noémia, Eugénia e Eulália»

AS RESPOSTAS

1. *Onomatologia* provém do grego *ónoma-onómatos*, nome; *lógos*, tratado; e o sufixo nominal — *ia*.

A *Onomatologia* estuda os nomes próprios.

É a ciência que trata dos nomes em geral.

Pertencem à *Onomatologia*, entre outras, a Antroponímia, a Toponímia, a Patronímia, a Panteonímia, a Potomonímia...

Potamónimo: do vocábulo grego *potamós*, rio, e *ónyma*, forma eólica por *ónoma*, nome.

Potamónimo designa o nome de qualquer rio.

2. *a)* Cercal do Alentejo: *cercalense*;
b) Antioquia: *antioquense*, *antioquiano*, *antioqueno*;
c) Cádis: *gaditano*;
d) S. Brás de Alportel: *são-brasense*;

e) Bragança: *bragançano, bragantino, bragancês, braganção e brigantino*.

Brigantino: justifica-se por *Brigantia*, nome céltico que remonta a tempos imemoriais.

3. *Noémia* é de origem hebraica. Significa «formosa, agradável».

Eugénia provém da Grécia. Significa «de boa linhagem».

Eulália é de origem grega e significa «bem-falante».

1. «Donde deriva o nome de *África*? Qual o sentido deste substantivo próprio? É maior que a Europa?»

Leitor assíduo

2. Foram várias as pessoas que, nos últimos dias, nos solicitaram esclarecimentos sobre a origem e o significado dos respectivos nomes próprios.

Falaremos hoje de alguns. Os outros ficarão para ocasião oportuna.

3. «Donde deriva *frigir*? Como se conjuga no presente do indicativo?»

Ana M.C.

AS RESPOSTAS

1. *África* deriva do vocábulo grego *friquê* ou *phriké*, frio, que é antecedido do prefixo *a* —, sem, ausência de, carência de, falta de. Significa, pois, *SEM FRIO*.

Admitimos também que *África* provenha do étimo latino *apricam* do adjectivo *apricus*, *aprica*, *apricum*, quente, soalheiro, exposto ao sol.

Há outras hipóteses da origem desta palavra.

Segundo Joseph Hebreu, *África* assenta em *Afer*, *neto de Abraão*, *patriarca*.

Segundo outros, *África* deriva de *Melec-Ifric* ou *Melec-Afariquei*, nome de um monarca da Arábia...

Estas duas últimas hipóteses, quanto a nós, não atingem o razoável.

Península triangular, a *África* é uma das cinco partes do mundo. Tem uma superfície três vezes maior que a Europa.

2. *Alzira*

Antenor Nascentes, no seu *Dicionário Etimológico*, II, pág. 14, diz que é «tudo muito inseguro» sobre a origem deste antropónimo.

Gueridos aceita que provenha do germânico *al*, tudo, e *zire*, *ziari*, ornamento, beleza.

Drummond afirma que *Alzira* provém de *Algeciras*, cidade e porto do Sul de Espanha.

Drummond apresenta ainda outra origem: o nome de uma planta venenosa. Esta dava flores muito belas.

Filipe

Deriva dos vocábulos gregos *philos*, amigo, e *hippos*, cavalo. Significa *amigo de cavalos*.

Margarida

Provém da Pérsia. Significa «flor, pérola».

Fernanda

De origem germânica, este nome quer dizer «a ousada pela paz».

3. Frigir provém de *frigere*, verbo latino.

Presente indicativo: *frijo*, *freges*, *frege*, *frigimos*, *frigis*, *fregem*.

1. A Laura formula estas questões:

«1.1. Qual a divisão silábica na translineação dos seguintes vocábulos: *superstição*, *Zoologia*, *nocturno* e *indemnizar*?

1.2. Qual a palavra portuguesa que melhor poderia significar *brevet*?

1.3. Qual a leitura correcta de

- a) João XXIII?
- b) Luís XIV?
- c) D. João II?
- d) Pio IX?»

2. «Porque fiz uma aposta com Amigos, muito agradecia que me dissesse o autor e a tradução das seguintes locuções latinas:

- a) *Carpe diem*;
- b) *Vivit sub pectore vulnus.*»

A. J. B.

AS RESPOSTAS

1.

1.1. *Su-pers-ti-ção*, *Zo-o-lo-gi-a*; *noc-tur-no* e *in-dem-ni-zar*.

1.2. *Brevet* é o documento atribuído a pilotos da aviação. O vocábulo *diploma* contém o significado autêntico de *brevet*.

Deveríamos usar a palavra portuguesa.

1.3. Na enumeração de papas e reis, empregam-se os cardinais, quando o número for superior a dez. Nos outros casos, empregam-se os ordinais.

- a) João vinte e três;
- b) Luís catorze;
- c) D. João segundo;
- d) Pio nono.

2. a) *Carpe diem: aproveitar o dia.* Esta expressão foi escrita por Horácio. Refere-se à fragilidade da vida. Por isso, não desperdiciemos o tempo!

b) *Vivit sub pectore vulnus: a ferida vive no fundo do coração.* Esta expressão aparece na *Eneida* (IV, 67), de Virgílio. Vinca a paixão de Dido por Eneas.

7

- O Chico e a Ana enviaram-nos uma longa missiva. Para além das saudações pascais e de alguns comentários sobre esta rubrica, perguntam-nos, a terminar:

«1. Quais os substantivos colectivos de *camelos*, *pescadores*, *presos*?
2. Dever-se-á escrever: *rapidamente* ou *ràpidamente*? *Facilmente* ou *fàcilmente*?
3. Poderá alguém mudar de nome?»

AS RESPOSTAS

1. Os substantivos colectivos de *camelos*, *pescadores* e *presos* são, respectivamente, *cáfila*, *companha* e *leva*.
Acrescente-se que substantivos colectivos são os que, embora no singular, indicam uma pluralidade.
2. A *BASE ANALÍTICA XXIII* do *Acordo Ortográfico de 1945* preceitua que o acento grave se deve escrever «na parte anterior ao sufixo» nos «advérbios em *mente* que provêm de formas marcadas com acento agudo».
Só que o decreto-lei n.º 32/73, de 6 de Fevereiro, e promulgado em 1 do mesmo mês e ano, pôs termo ao emprego desse acento grave nos vocábulos em questão.
Esse decreto estipula no seu artigo único:
«São eliminados da ortografia oficial portuguesa os acentos circunflexos e os acentos graves com que se assinalam as sílabas

subtónicas dos vocábulos derivados com o sufixo — *mente* e com os sufixos iniciados por *z*».

Como se depreende, o único sinal gráfico que se mantém antes do sufixo — *mente* é o *TIL*: vãmente, cristãmente, sãmente...

Sobre as dúvidas apresentadas, aqui fica a escrita correcta: *RAPIDAMENTE* e *FACILMENTE*.

Mais exemplos: subitamente, beneficamente, genuinamente, heroicamente...

E, já agora, *outros* acerca da restante matéria contida no Decreto-Lei 32/73: cortesmente, portuguesmente, pezito, chapeuzinho, sozinho...

3. Qualquer pessoa pode mudar de nome e de apelido(s), desde que apresente motivos válidos.

Conhecemos pessoas que têm um nome e/ou apelido no registo de baptismo e outro(s) no registo civil. Há até indivíduos cujos nomes ou apelidos lhes repugnam!

Se o leitor não sabe, guarde esta informação, contida nos três parágrafos do art.º 347.º do Código do Registo Civil (1978):

1.º — «Os indivíduos que pretendem alterar a composição do nome fixado no assento de nascimento devem requerer a autorização necessária, por intermédio da Conservatória da sua residência, em petição dirigida ao Ministro da Justiça».

2.º — «O requerente justificará a pretensão e indicará as provas oferecidas».

3.º — «A petição será sempre instruída com certidão de narrativa do registo de nascimento do interessado e, quando este for maior de 16 anos, com o certificado do seu registo criminal».

1. Um «*curioso do saber*», «que gosta de História e de Português», quer «umas linhas» sobre a palavra *Ciropedia*.

2. Pergunta o Fernando D.C.:

«2.1. Há substantivos usados apenas no plural?

2.2. Como se classificam, morfologicamente, as expressões: *quem quer que seja* e *cada qual*?»

AS RESPOSTAS

1.

1.1. *Ciropedia* provém de *Ciro*, e *paideia*, educação (grego). *Ciropedia* significa (o livro de) *Educação de Ciro*. Como todas as crianças persas, Ciro foi educado na dureza, no sacrifício, para se habituar ao cansaço e à beleza de alma.

1.2. Este *Ciro* é *Ciro II, o Grande*. Não deve ser confundido com *Ciro, o Moço* ou *o Novo*, da *Anábase* *, filho de Dario II. Ciro II fundou o Império Persa (558-528 a.C.) e destronou Astíages, rei dos Medos. Triunfou sobre o rei Creso, da Lídia. Dominou a Babilónia. Bravo, respeitador, só pedia obediência e tributo aos vencidos. Foram seus sucessores: Cambises II, Dario, Xerxes, Dario II, Ciro (o Novo) e Artaxerxes.

* A *Anábase*, também conhecida por *Retirada dos Dez Mil*, é o livro que fala da expedição de Ciro contra seu irmão Artaxerxes.

- 1.3. A *Ciropedia* foi escrita por Xenofonte, escritor grego, de estilo elegante, variado e melódico. Daí que Diógenes Laércio o tenha apelidado, honorificamente, de «*abelha ática*».

Nascido em Atenas, no ano de 430 a. C., de pais ricos, Xenofonte haveria de ser discípulo de Sócrates.

Combateu na guerra do Peloponeso. Dirigiu a retirada dos *Dez Mil* e, em 394, lutou em Coroneia, contra os Gregos.

Espírito engenhoso, testemunha fidedigna dos factos, Xenofonte escreveu obras *históricas, filosóficas e técnicas*.

- 1.4. A *Ciropedia* é um romance histórico. Fala da vida de Ciro II, rei dos Persas: infância, conquistas e reinado sobre a Ásia.

- 1.5. Aquilino Ribeiro traduziu para Português a *Ciropedia* com o nome de *Príncipe Perfeito*.

2.

- 2.1. Há alguns substantivos que só se empregam no plural: *alvíssaras, arredores, calendas, exéquias, férias, núpcias, primícias, etc.*

- 2.2. São locuções pronominais indefinidas.

1. O leitor vianense A.P.P.C. faz-nos três perguntas:

«1.1. Escreve-se *semianalfabeto* ou *semi-analfabeto*?

1.2. Existe a palavra *ilar*, que ouvi há dias?

1.3. Diga-me os *nomes* das seguintes letras do alfabeto:
C, G, J, Q, S e X».

2. O Carlos é um aluno do 9.º ano. Gostaria que disséssemos «umas coisas» sobre a D. Maria, do Canto III de «Os Lusíadas». Solicita-nos também que relacionemos a filha de D. Afonso IV com *Afonso XI, Fernando IV, D. Constança, Leonor de Gusmão, Inês de Castro, D. Pedro e Abul-Haçan*.

AS RESPOSTAS

1.

1.1. O prefixo *semi* (de origem latina) significa *metade, meio, quase*. Só é seguido de hífen, quando o elemento seguinte principia por *h, i, r* ou *s*.

Logo, o termo deverá ser escrito, assim: *semianalfabeto*.

1.2. Não existe *ilar*. O vocábulo que, naturalmente, ouviu foi o adjetivo poético *hílar*, proveniente do étimo latino *hilar* (*m*).

Refere-se ao *que se encontra em estado de alegria; que excita a hilaridade; risonho*.

1.3. Estas seis letras têm os seguintes nomes:

C — CÊ
G — GÊ
J — JOTA
Q — QUÊ
S — ESSE
X — XIS

2. O imortal Cantor dos Portugueses, Luís de Camões, quis perenemente vincar n'«Os Lusíadas» o símbolo de três damas: a Mulher-Amante (Vénus), no plano mitológico; a Mulher-Mártir (Inês de Castro) e a Mulher-Esposa (D. Maria), ambas no plano histórico.

Mas, afinal, quem é esta última, imortalizada num famoso *episódio lírico de embelezamento*, inserto nas estrofes 102 a 106 do Canto III de «Os Lusíadas»?

Filha de Afonso IV, rei de Portugal, Dona Maria casou com Afonso XI de Castela. O pai deste, Fernando IV, faleceu quando o filho contava apenas três meses. A tutoria do infante e a regência foram, avidamente, disputadas por vários em cujas veias corria sangue real.

Afonso XI uniu-se, primeiramente, em matrimónio (1325) com D. Constança. Surge, todavia, o fracasso deste consórcio. Por isso, Afonso XI, enquanto se bate pela anulação do casamento, envia legados a Coimbra a solicitar a mão da filha de D. Afonso IV, a Infanta D. Maria.

Este casamento torna-se realidade. Afonso XI, porém, humilhava-a, terrivelmente.

Leonor de Gusmão, senhora de invulgar beleza, desperta-lhe, seguidamente, uma irresistível paixão. Com ela, envereda por uma situação adúltera, até na própria corte. Desta dama teve alguns filhos.

Em 1336, D. Pedro casa com D. Constança. Esta traz para Portugal, como dama de companhia, Inês de Castro, da categorizada família dos Castros, de Castela.

Apesar da oposição de Afonso XI, a união realiza-se em Évora.

O rei português — Afonso IV — toma a resolução de invadir Castela. Por esta altura, *Abul-Haçan*, sultão marroquino, prepara-se para entrar com as suas tropas em Castela.

Em 1340, porém, a FORMOSÍSSIMA MARIA consegue, após várias tentativas, que o Pai e o Marido cheguem, em Sevilha, a cimentar a paz. Tempos mais tarde, a filha de D. Afonso IV, na cidade de Évora, suplica ao Progenitor que a socorra. É que o exército marroquino estava na iminência de invadir o reino castelhano. D. Afonso IV atende-a, com ternura. Promete-lhe a ajuda almejada que, a seguir, se concretiza na Batalha do Salado.

1. Duas antigas alunas questionam-nos sobre a escrita de três antropónimos*:

«a) *Lurdes* ou *Lourdes*?

b) *Hélio* ou *Élio*?

c) Qual é a grafia mais actualizada: *Victor*, *Vitor* ou *Vítor*?»

2. «Interessava-me saber o significado e a origem do meu nome, do do meu marido (Domingos) e do do meu filho (António). Pode ser?»

Teresa F. R.

3. Pergunta o leitor M.S.:

«a) Qual é o presente do conjuntivo do verbo *dar*?

b) E do verbo *crer*?»

4. Um «*Amigo*» deseja saber o pretérito mais-que-perfeito do indicativo do verbo *aprazer*, bem como o presente do mesmo modo de *remir*.

AS RESPOSTAS

1. a) O artigo 3.º do Decreto n.º 35.228, de Dezembro de 1945, preceitua «que deverão obedecer às normas do sistema ortográfico unificado todas as publicações, editadas em território português». A grafia nacionalizada é a que aparece na folha oficial — *Diário da República* ou, anteriormente, *Diário do Governo*. É, afinal, a

preconizada no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, publicada pela *Academia das Ciências*, de Lisboa, em 1940.

Os preceitos da ortografia oficial, como se torna evidente, aplicam-se aos nomes próprios. Por isso, a respeito do nome em questão, a escrita nacionalizada, que sempre aparece, é, como se sabe, *LURDES*.

Mais. O artigo 128.º, 2.º, do Código do Registo Civil (1978), afirma, claramente, que, quando os nomes próprios são de origem estrangeira, devem ser «traduzidos ou adaptados, gráfica e foneticamente à língua portuguesa».

Por outro lado, a *BASE ANALÍTICA L* do *Acordo Ortográfico* de 1945 estipula que, «para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume, adopte na assinatura do seu nome».

Consequentemente, o dono do nome pode continuar a escrevê-lo, como já tem por hábito. No caso vertente, *LOURDES* só poderá ser escrito, desta forma, por quem tenha esse nome. As outras pessoas deverão utilizar a grafia *LURDES*.

Finalmente, um aviso aos possíveis interessados: «São admitidos os nomes próprios estrangeiros, sob a forma originária, se o registando for estrangeiro ou tiver outra nacionalidade, além da portuguesa [*Conf. Código do Registo Civil (1978), artigo 128.º, 3.º*].

- b) O nome de homem («*Hélio* ou *Élio*») deverá ser escrito sem *h*: *ÉLIO*.

Hélio é prefixo que entra na derivação de certas palavras com o significado de Sol: heliocêntrico, heliocometa, heliocromia, heliografia, heliográfico, heliógrafo, heliogravura, heliométrico, heliómetro, helioterapia, etc...

Hélio pode ainda tomar-se na significação de corpo simples, gasoso (*He*), de densidade 0,18, que existe no ar em pequena quantidade, e em misturas gasosas, emanadas dos poços de petróleo.

- c) Este nome deve grafar-se assim: *Vítor*.

O vocábulo leva acento, porque todas as palavras graves terminadas em *l*, *n*, *r*, ou *x* são graficamente acentuadas.

Não se esqueça, porém, que o dono do nome pode seguir o estipulado na *BASE ANALÍTICA L* do *Acordo Ortográfico de 45*.

* *Antropónimo* é substantivo masculino que, etimologicamente, provém do grego *anthropos*, homem, e *onymos*, nome, e que significa nome de pessoa em geral.

2. *Teresa*: era natural de Therasia, ilha do Mar Egeu. Provém do Grego. *Domingos*: significa «o do Senhor» (Cristo). O adjetivo latino *dominicus* origina este antropónimo.
António: quer dizer «florescente». Tem origem latina.
3. a) Presente do conjuntivo de *dar*: dê, dês, dê, dêmos, deis, dêem.
b) Presente do conjuntivo de *crer*: *creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam*.
4. a) Pretérito mais-que-perfeito de *aprazer*: *aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram*.
b) Presente do indicativo de *remir*: *redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimem*.
Remir é um verbo defectivo. As suas deficiências são colmatadas com as formas em que entra o radical *redim* —.

11

1. «Ouvi, há tempos, a um conferente as palavras *aletologia* e *aleuromancia*. Por favor, que significam? Qual a sua origem?»

Manuel C.M.

2. «Por causa de uma aposta, gostaríamos de saber se PARABÉNS (nome de um programa televisivo) leva acento ou não».

«Um grupo de Amigos»

3. A Ludovina quer saber se estarão correctas as seguintes frases:

«1.^a — Os padrões evitaram ser discutidas as propostas...

2.^a — O meu pai, requiere uma bolsa...»

AS RESPOSTAS

1. *Aletologia* provém do grego *alethes*, verdade, *logos*, tratado, e o sufixo nominal — *ia*.

Aletologia é o discurso sobre a verdade.

Aleuromancia: do vocábulo grego *aleuron*, farinha de trigo, *manteia*, adivinhação, e o sufixo — *ia*.

Aleuromancia é, pois, a adivinhação através da farinha.

2. A palavra *PARABÉNS* grafa-se com acento agudo na última sílaba tónica. É que todos os vocábulos agudos, terminados em *em* ou *ens*, com mais de uma sílaba, são graficamente acentuados. (V. pág. 10).

3. 1.^a — A primeira frase tem apenas um erro: em vez de *ser*, no singular, deverá aparecer *serem*.

O *infinito pessoal* usa-se quando tem sujeito próprio (diferente do sujeito do verbo da oração subordinante).

Os patrões: sujeito da oração subordinante.

As propostas: sujeito do predicado *serem*.

Há, todavia, melhores redacções. Uma, por exemplo: *Os patrões evitaram a discussão das propostas*.

- 2.^a — A frase contém três erros.

- a) *Pai* deverá grafar-se com maiúscula.

As pessoas que veneramos escrevem-se com letra maiúscula. (v. pág. 8)

- b) A frase não tem vírgula. O sujeito não se separa do predicado por vírgula. (v. pág. 11)

- c) A terceira pessoa do singular do verbo *requerer*: *requer*.

Presente do indicativo: *requeiro, requeres, requer, requiremos, requireis, requerem*.

1. «Que querem dizer as palavras *mastigóforo* e *genocídio*? De que línguas provêm?»

Ana Silva

2. «Porque gosto de saber, ficar-lhe-ia agradecido se me dissesse como se chamam os habitantes de *Jerusalém*, *Guarda*, *Honduras* e *Grécia*».

M.F.B.

3. «Ouvi, na semana passada, a uma pessoa formada em Letras as frases:

1.^a — *Eu, o António e as alunas vamos trabalhar para a escola.*

2.^a — *Ele creu nas escolas-modelo.*

Estarão correctas? Não me soam bem os verbos e as escolas-modelo».

Iva Márcia A.T.B.

AS RESPOSTAS

1. *Mastigóforo* é o crítico mordaz; o portador de chicote. É composto dos elementos gregos *mastigos*, chicote, e *phero*, portador. *Genocídio* significa o morticínio colectivo de minorias nacionais, raciais e religiosas. Há um desprezo absoluto pelos direitos do ser humano. Provém do latim *gens*, estirpe, raça e *coedere*, matar.

Este vocábulo, da autoria de Rafel Lemyka, jurisconsulto norte-americano, começou a fazer parte da terminologia jurídica internacional, no pós-guerra de 1945.

2. a) Jerusalém: *jerosolimitano, hierosolimita, hierosolimitano*.
b) Guarda: *egitaniense, egitaniano, egitanense, guardense*.
c) Honduras: *hondurenho*.
d) Grécia: *grego, heleno, helénico*.

3. Estão correctas.

- 1.^a — O verbo vai para a primeira pessoa, se um dos sujeitos pertencer a essa pessoa.

Logo, *vamos* é a forma verbal correctíssima.

- 2.^a — *Creu* é a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *crer*.

Para evitar futuras dúvidas, aqui fica todo o pretérito perfeito do indicativo: *cri, creste, creu, cremos, crestes, creram*.

Em relação ao substantivo composto *escola-modelo*, forma o plural assim: *escolas-modelo*.

É que, quando o segundo elemento (de dois substantivos justapostos) indica *fim*, mantém-se invariável.

1. Um distinto médico, que «solicita anonimato», em missiva simpatiquíssima, refere que «o Dr., na pág. 179, n.º 3, da «Avenida do Minho», diz:

O estímulo de alguns Amigos e o desejo de podermos ser úteis à Cultura levam-nos à publicação das notas...

O sujeito *nós* (subentendido) substitui o pronome *eu*. Por isso, o adjectivo predicativo *úteis* deveria ser no singular: *útil*.

Que me diz?»

2. «Chamo-me *Irene*. O meu filho tem o nome de *Ângelo*. Esclareça-me, por favor, a origem e o significado destes nomes».

3. «...*Porque não nos tirem esta paz, estaremos atentos.*

O *que* desta oração é um pronome relativo.

Qual a categoria morfológica de *porque* e *que*?»

Um aluno do 9.º ano

AS RESPOSTAS

1. Dizemos-lhe apenas, estimado Dr., que o adjectivo *úteis*, no plural, está correcto.

Quando usamos o pronome *nós*, em vez de *eu*, há duas hipóteses:

- 1.º — se o *nós* é *plural de majestade*, colocado na fala e na escrita de papas, reis e bispos, o adjectivo predicativo concorda apenas com o género dessa pessoa.

Exemplos:

Sentimo-nos hoje muito *feliz*.

Queremos estar *atento*.

- 2.º — se o pronome pessoal *nós* representa um *plural de humildade (de modéstia)*, usado por um orador, escritor ou jornalista, a concor-
dância far-se-á no plural.

Exemplos:

Não nos consideramos inteligentes.

Duvidámos atónitos.

2. *Irene* provém de *eirene*, vocábulo grego que significa *paz*.

Na antiga Grécia, Irene era uma deusa das Horas. Estas deusas, filhas de Zeus e de Témis, juntamente com Dice e Enomia, cuidavam do coche e dos cavalos de Apolo (Sol). Também presidiam às estações do ano e «eram porteiras do Céu».

Santa Irene, padroeira das moças, foi figura notável, na Grécia, no Séc. IV.

Também se distinguiu pelas virtudes Santa Irene irmã do Papa S. Dâmaso.

Ângelo vem da palavra grega *Aggelos*, mensageiro (do Senhor), que origina o termo latino *angelus*, anjo.

Ângelo é, pois, uma pessoa angelical. *Ângelo* trouxe o diminutivo *Angelino*.

3. *Porque* é uma conjunção subordinativa final.

Que é um substantivo comum.

1. «Na rua D. António Barroso, desta cidade, ouvimos, ontem, de um senhor para outro, estas palavras: «*Ó meu ilustre homónimo*».

Como o meu *curso* foi tirado na *Universidade da Vida*, tento, sempre que posso, saber mais qualquer coisa. Por isso, agradeço que me informe do que quer dizer *homónimo*.

E, já agora... que são palavras homófonas?»

«*Um curioso*»

2. Um Amigo pergunta-nos:

«a) Quais os substantivos colectivos de *asneiras*, *vadios* e *sicários*?

b) Como se classificam, em morfologia, as expressões: *em surdina* e *por alto*?»

3. O senhor S.M.C. quer saber se estão correctas as frases: «*O António já foi mais bem educado.*»; «*A obra está mais bem construída.*».

AS RESPOSTAS

1. Vamos ao vocábulo *homónimo*. Significa todo aquele cujo nome é igual ao de outrem.

No caso vertente, o emissor tem o mesmo nome que o receptor.

Admitindo que se chama *Silva*, o outro também tem esse apelido.

Nas palavras homónimas, a escrita e a pronúncia são iguais.

O significado, logicamente, é diferente.

Exemplos:

Eu *canto*...

O António domina o *canto*...

O terceiro *canto* de «Os Lusíadas».

O menino está no *canto* do quarto...

Homónimo provém do grego *homonymos*.

Nas palavras *homófonas*, há o mesmo som. A escrita e o significado é que são diferentes.

Exemplos:

Concelho (divisão administrativa) e *conselho* (parecer, reunião para emitir juízos);

Cem (numeral) e *sem* (preposição);

Buxo (planta) e *bucho* (estômago);

Acenso (antigo oficial) e *assenso* (consentimento);

Era (época) e *hera* (planta).

Homophonos é a palavra grega donde proveio *homófono*.

2. a) Os substantivos colectivos de asneiras, vadios e sicários são, respectivamente, *chorrilho*, *farândola* e *jolda*.
b) São locuções adverbiais.

3. As frases estão correctas.

O advérbio *bem* tem o comparativo sintético *melhor*.

O comparativo deste advérbio, porém, seguido do particípio, forma o comparativo, como nas frases transcritas: *mais bem*.

É que *mais* afecta, de facto, o advérbio *bem* e os conjuntos *bem educado*, *bem construído*.

Cada conjunto deve manter-se inalterado.

Melhor, comparativo de *bem*, não pode confundir-se com *melhor*, comparativo de *bom*.

1. O Lúcio é um brilhante aluno. Frequenta o 8.º ano. A sua amizade pela sabedoria é notória. *Devora* periódicos e só lê boa ficção.

Movido pela resolução de problemas fonéticos, dirigiu-nos, há tempos, estas questões:

— «Que são palavras divergentes? E convergentes? Que se entende por étimo?»

2. «Esclareça-me, por favor, se *contanto* se escreve assim...»

Maria Amélia L.C.

AS RESPOSTAS

1. Começamos pela terceira pergunta.

Étimo é a palavra que deu origem a outra. Provém do grego *etymon* e do latim *etymon*.

Exemplos:

O vocábulo português *lei* procede do étimo latino *legem*.

A palavra latina *hodie* origina o advérbio hoje.

Alma provém do latim *animam*.

Palavras divergentes são as que derivam do mesmo étimo, mas em Português apresentam formas vocabulares diferentes:

Exemplos:

Matrem originou *madre* e *mãe*.

Maculam trouxe à Língua Portuguesa: *mácula*, *mancha*, *malha*, *mágoa* e *mangra*.

Planum foi o étimo de *plano* e *chão*.

Convém frisar, nesta matéria, a *via erudita* (ou *culta*) e a *via popular*. Quando o vocábulo português mantém a forma latina ou dela pouco se desvia, dizemos que é uma palavra por *via erudita*.

Exemplos: *madre, mácula, plano*.

Quando o étimo sofre várias transformações, ao longo dos séculos, estamos perante a *via popular*.

Exemplos: *mãe, mancha, malha, mágoa, mangra, chão*.

Nas *palavras convergentes* há étimos diferentes. Em Português aparece a mesma forma vocabular.

Exemplos:

Rio:

rivum (substantivo) > *rio* (substantivo)

rideo (verbo) > *rio* (verbo)

São:

sanum (adjectivo) > *são* (adjectivo)

sunt (verbo) > *são* (verbo)

2. Depende...

1.º *Contanto*, seguido de *que*, significa *desde que, dado que*.

Contanto que é uma locução conjuncional.

Exemplo:

Dar-te-ei a explicação, *contanto que* seja, amanhã.

Com tanto indica valor ou quantidade.

Exemplos:

O ministro não pode *com tanto* desafio...

O Rogério rejeita andar *com tanto* dinheiro na carteira.

1. O Francisco Aníbal é, como diz, um autodidacta.
«Feriu-lhe» a atenção, «há dias», a palavra *solecismo*, que ouvira a um estudante conterrâneo.
Gostaria de saber o que é. Solicita que, sobretudo, «escreva muitos exemplos».
2. «Como fazem o plural os substantivos terminados em x (xis)?»
Rita Maria S.F.
3. «Qual a função sintáctica da expressão *das espingardas*, na frase: “Os soldados puxaram *das espingardas*”?»
Luís Severino

AS RESPOSTAS

1. *Solecismo*, substantivo masculino, oriundo do grego *soloikismos*, do latim *soloecismu(m)*, é o erro contra as normas da sintaxe.
Este vocábulo tem origem na cidade grega *Soles*, fundada pelos Atenienses. Aí, falava-se, horrorosamente, a língua helénica.
O nome dos habitantes originou *solecismo*.

Exemplos:

Solecismos

- a) Houveram *cerimónias*, em Fátima.
- b) Há-des *estudar mais*.
- c) Aquele *senhor e senhora*...
- d) *Entre eu e o meu pai*...
- e) *Vão fazer dez dias que o Presidente foi para Atenas*.

Correcção:

- a) *Houve* cerimónias, em Fátima.
- b) *Hás-de* estudar mais.
- c) *Aquele* senhor e *aquela* senhora.
- d) Entre *mim* e o meu pai...
- e) *Vai* fazer dez dias que o Presidente foi para Atenas.

Solecismo é, pois, o erro de concordância, construção ou de regência. O *solecismo* recorda a *anfibologia*: grego *amphibolos*, ambíguo, *logos*, tratado, e o sufixo — *ia*.

Na *anfibologia*, há um duplo sentido da frase, porque os vocábulos não se encontram na ordem correcta.

Exemplos:

Anfibologia

- a) Vestidos para mulheres de seda...
- b) Originou, felizmente, um esbarramento sem danos graves.
- c) O queixoso prendeu o gatuno em *sua* casa.

Correcção:

- a) Vestidos de seda para mulheres...
 - b) Originou um esbarramento, felizmente sem danos graves.
 - c) Afinal, de quem é a casa?
- Sua*: do *queixoso* ou do *gatuno*?

2. Mudam esta consoante em ces.

Exemplos:

Singular	Plural
<i>Índex</i>	<i>índices</i>
<i>Córtex</i>	<i>córtices</i>

3. É o complemento directo.

1. «*Calicarpia* e *izício* são duas palavras difíceis que ouvi, há pouco mais de um mês.
Serão mesmo marcadamente portuguesas?
Não as encontro no dicionário que possuo».

«Uma estudante barcelense»

2. «Vi, num diário, uma frase em que *contudo* aparecia, assim:
com tudo.
Contudo significa *todavia, porém, não obstante, no entanto*.
Será possível escrever-se *com tudo*?»

«Desejosa do saber»

3. «Como se classificam morfologicamente as expressões:

- a) *todas as vezes que*
b) *se bem que?*»

M.C.L.S.

AS RESPOSTAS

1. *Calicarpia* provém dos elementos gregos *Kallos*, fruto, e o sufixo - *ia*. Quando uma frutificação é bela, bonita, denomina-se *calicarpia*. Os engenheiros agrónomos e os proprietários de pomares conhecem, por certo, este interessante vocábulo.

Não existe *izício*. A palavra que, naturalmente, ouviu foi o substantivo masculino **EXÍCIO**.

O *x* tem a pronúncia *z*. Daí, na pergunta, a troca do *xis* pelo *zê*.

Exício, proveniente do étimo latino *exitiu(m)*, significa *ruína, prejuízo, perdição, estrago, morte*.

Categorizados escritores lusitanos empregaram *exício* nos seus textos.

Exemplos:

«Em vós os olhos tem o Mouro frio.

Em quem vês seu *exício* afigurado».

Camões, «*Os Lusíadas*», I, 16.

«Com algoz perfídia maquinaste o *exício* da república».

Almeida Garrett, *Catão*, IV, 5.

Pelo exposto, conclui-se que *calicarpia* e *exício* são palavras «marcadamente portuguesas».

2. Além da conjunção adversativa *contudo*, podemos utilizar a expressão *com tudo*.

Exemplo:

Não leves às costas o filho e o cesto da hortalça.

Não aguentas *com tudo*.

3. a) *Todas as vezes que* é uma locução conjuncional temporal.

Exemplo:

Todas as vezes que veio a Barcelos, dialogámos sobre temas de cultura.

- b) *Se bem que* é uma locução conjuncional concessiva.

Exemplo:

Se bem que estudaste as lições, não obtiveste boa nota.

EXISTE OU NÃO A PALAVRA *PRECAVENHAM*?

1. Um distinto Advogado barcelense solicitou-nos, anteontem, a escrita correcta de um vocábulo aparecido num texto, que forneceu.

Transcrevo parte de uma longa frase, onde surge a forma verbal com a qual o prestigiado Causídico não concorda.

*«...Julguei oportuno dar o meu testemunho sincero, ao menos às pessoas sensatas, para que se **PRECAVENHAM** e não sejam envenenadas por interpretações ideológicas ou por meras conjecturas».*

A RESPOSTA

1. *Precaver* é um dos pouquíssimos exemplos de verbos terminados em — *aver*. Provém do étimo latino *praecavere* (**verbo**). Significa *acautelar antecipadamente, prevenir (acautelar-se — verbo reflexo)*.

De um modo geral, *precaver* é apresentado como verbo defectivo pessoal, dizendo-se que não tem uma única forma do presente do conjuntivo nem a primeira pessoa do presente do indicativo. Utilizar-se-ia, apenas, nas formas em que o último *e* permanece ou se muda em *i*. Todavia, há quem sustente o contrário: por exemplo, o eminente filólogo Rodrigo de Sá Nogueira.

Para este grande estudioso da nossa língua, *precaver* tem todas as formas. É, pois, «injustificável» e «insubsistente» a sua não-utilização em todos os tempos e pessoas.

Naturalmente, o verbo em questão não é composto de *haver*, nem de *ver*.

Embora terminado em — *aver*, não se conjuga da mesma maneira que *haver* (muito menos como *ver*). Por outro lado, seria totalmente impossível conjugá-lo como *vir*.

Seguidamente, para que jamais subsistam dúvidas, aqui deixo a conjugação deste verbo nos tempos mais polémicos:

Presente do indicativo

*precavo**
precaves
precave
precavemos
precaveis
precavem

Pretérito perfeito do indicativo

precavi
precaveste
precaveu
precavemos
precavestes
precaveram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

precavera
precaveras
precavera
precavêramos
precavêreis
precaveram

Presente do conjuntivo

*precava**
*precavas**
*precava**
*precavamos**
*precavais**
*precavam**

Imperativo presente

precave tu,
precavei vós,
*precavamos nós**

Para concluir, apenas isto:

- a) Não existe a forma *PRECAVENHAM*;
- b) *Precavenham* nunca foi forma verbal da Língua Portuguesa;
- c) Há quem defenda que este verbo não possui as formas do presente do conjuntivo;
- d) A minha posição, pelas razões expostas (e por outras), é esta: o verbo *precaver* pode conjugar-se no presente do conjuntivo. Daí que, na frase citada, em vez de *precavenham*, deveria aparecer *PRECAVAM*.

* Para alguns gramáticos as formas sublinhadas faltam ao verbo.

Obs.: No texto apresentado, se ao leitor soar mal ou não gostar do presente do conjuntivo pode substituir *se precavam* por *se acautelem* (ou *se possam precaver*).

1. «Vi, hoje, dia 19 de Junho, na primeira página de dois jornais minhotos, o seguinte:

— «...jornais que não **SAIEM**.» (Final de um período)

— «*Gigantones e cabeçudos SAIEM à rua*» (título)

Pergunto: está bem escrita a forma verbal?»

Um amigo

2. «Ouvimos, na semana anterior, uma senhora formada dizer: ...na página trinta e duas da selecta...

Não lhe parece que deveria dizer: na página trigésima segunda?»

Cristina Sandra e Paula Maria (alunas do 12.º ano)

AS RESPOSTAS

1. A palavra **SAIEM** não existe na Língua Portuguesa. A terceira pessoa do plural do presente do indicativo (voz activa do verbo sair) é **SAEM**. A mesma pessoa de igual tempo e modo do verbo *cair* escreve-se **CAEM** (e não *caiem*).

Aqui, fica todo o presente do indicativo de **SAIR**:

saio
saís
sai,
saímos
saís
saem

2. Não. Toda a gente deve dizer: na página 32 (trinta e dois).

Usa-se sempre o cardinal (e não o ordinal) na numeração de páginas e de folhas de um livro, de uma revista, de um jornal.

É erro o emprego do feminino do cardinal (trinta e duas), porque se subentende a palavra *número* [vejam na página (número) 32].

Jornalisticamente, este número não deve ser escrito por extenso, mas com algarismos.

Na Comunicação Social, utilizam-se números com letras: de *um* a *dez* (três, sete, dez) ou, a partir de 100, os zeros dos números redondos (cem, duzentos, quinhentos, mil...).

Quando o numeral vier anteposto, dir-se-á: *trigésima segunda página* (escrever-se-á 32.ª página, excepto no início do período, que será com letras). Nestes casos, aparece sempre o ordinal.

1. «1.^a — Fazem, hoje, dez anos que nos vimos, pela última vez.
- 2.^a — Alvoreci contente.
- 3.^a — Gualdi muito.

Estarão correctas?»

Maria Lúcia F. M.

2. «Vi, na semana passada, neste jornal, as respostas que deu a três perguntas sobre três frases de uma leitora. Gostei (...). Pergunto-lhe, hoje, se as frases seguintes estão bem redigidas:

1.^a — "Habita-me o espaço e a desolação."

Virgílio Ferreira

2.^a — "Fazer e escrever é a mesma coisa."

João de Araújo Correia

As formas verbais *habita* e *é* estarão bem?»

S. Campos

AS RESPOSTAS

1. 1.^a — Esta frase tem um erro grave: a terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo fazer.
Não se escreve no plural, mas no singular: *faz*, em vez de *fazem*.
O verbo *fazer*, quando indica tempo decorrido, só se usa na terceira pessoa do singular. É, neste caso, um verbo *impessoal*, que pertence aos *unipessoais*.
Dá-se o mesmo com *haver*, no sentido de *existir*.

Eis a frase correcta:

Faz dez anos que nos vimos, pela última vez.

- 2.^a — Os verbos que se referem a fenómenos da natureza, porque não têm *sujeito*, utilizam-se apenas na terceira pessoa do singular. Estão nestas circunstâncias, por exemplo: *amanhecer, anoitecer, ventar, nevar, orvalhar, trovejar, relampejar...*
Nesta frase, todavia, *alvoreci* está bem aplicado, porque os verbos que exprimem fenómenos da natureza, *em sentido figurado*, podem surgir em todas as pessoas.
- 3.^a — *Gualdir* é um verbo transitivo, familiar, que significa *comer, gastar, esbanjar*.
Não há erro na frase.

Pretérito perfeito do indicativo de *gualdir*:

gualdi
gualdiste
gualdiu
gualdimos
gualdistes
gualdiram.

2. 1.^a — Esta frase do escritor Virgílio Ferreira está correcta.
Quando o predicado tem vários sujeitos e vem depois destes, concorda com o mais próximo.
Assim, não há erro em *habita*, no singular, em vez de *habitam*.
- 2.^a — *É* (e não *são*): está correctíssimo.
O verbo fica no singular, se os sujeitos são dois ou mais infinitivos.
Há exemplos, sem conta: «*Legislar e businar na ponte foi obra do ministro.*»
O verbo, contudo, pode ir para o plural, quando os infinitivos são antónimos:

«*Em seu coração
Se alternam amar e odiar.*»

biblioteca
municipal
barcelos



26994

Questões de Português